



A tecnologia como norteador das mudanças nos processos de produção jornalística do impresso ao *tablets*¹

PAULINO, Rita de Cássia Romeiro²

OLIVEIRA, Vivian Rodrigues de³

Universidade Federal de Santa Catarina – Curso de Jornalismo e
Programa de Pós-Graduação de Jornalismo (POSJOR)

Resumo: Os avanços e a popularização das tecnologias desafiam e provocam uma revolução em todas as áreas da sociedade. No meio editorial e jornalístico, não podia ser diferente, uma revolução aconteceu nos modos de produção e setores inteiros sumiram da noite para o dia.

E nota-se na história e literatura, que as mudanças acontecem depois que um novo conhecimento ou inovação surge e modifica os processos da produção jornalística. Tais mudanças impactam nos *modos operandi* de uma operação e por muitas vezes refletiram mudanças sociais. O presente artigo é uma pesquisa cunho histórico e propõem-se a relatar de modo introdutório os impactos das novas tecnologias de comunicação nos processos de produção da mídia impressa até a mídia digital. Atualmente convivemos com a popularização do uso de artefatos móveis em nosso dia-a-dia, e isso significa mais um novo paradigma da comunicação a ser estudado pela área do jornalismo. O *tablets* é um exemplo dessa nova era, o artefato pelas suas características, possibilita uma aproximação das área da mídia impressa e da mídia online com possibilidades reativas de interação.

Palavras-chave: tecnologia, jornalismo, história, interatividade, *tablets*,

Introdução

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

2 Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do curso de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC – Brasil, e-mail: rcpauli@gmail.com

3 Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade de Brasília (2011), e-mail: vivianunb@gmail.com

Em 1994, Bob Cotton já relatava os impactos das novas tecnologias no meio editorial, segundo o autor “Em los primeros años de la década del 60, el analista de médios Marshall McLuhan pronosticó la formación de una aldea global como resultado de los adelantos em las comunicaciones electrónicas. Toda esta tecnologia de la información forma parte actual del entorno occidental, em el que cada vez es más difusa la frontera entre ocio y trabajo entre educación y entretenimento. (COTTON B., 1994)

Podemos situar três grandes inovações nos processos industriais na produção de conteúdos jornalísticos:

Estágio 1 - Prensa Móvel e Fotocomposição: tecnologias medievais com a invenções da prensa móvel inova o modo de impressão de manuscritos e livros,

Estágio 2 - Computadores e Internet: tecnologias de informação e comunicação através da evolução das telecomunicações, utilização de computadores e acesso a internet em redações de jornais.

Estágio 3 - Dispositivos Móveis: Tecnologias para uso e visualização de conteúdo em diversas plataformas móveis como tablets e smartphones.

A tecnologia e a inovação inseridas no contexto de produção jornalística, descritas nos estágios 1,2 e 3 aceleraram os processos de confecção dos produtos. Essa performance resultou mudanças estruturais e sociais, que serão descritas nos capítulos a seguir.

Estágio 1 - Prensa Móvel e Fotocomposição:

Depois de 450 anos de impressão manual, a primeira revolução aconteceu com a invenção dos tipos móveis, e o rápido desenvolvimento da novas tecnologias de impressão e prensa, durante a última década do século XIX, provocou uma mudança nos processos de trabalho dentro do ambiente das artes gráficas que resultou uma assimilação desse processo aos conteúdos jornalísticos. As páginas de jornais eram produzidos com os tipos móveis e mais tarde para agilizar processo surgiram as máquinas de Linotipia, que compunham linhas de texto em metal fundido. Esse processo de composição até então manual, passa a ser mecânica com as máquinas de Linotipo. Na década de 80, mais uma inovação revoluciona a área editorial e jornalística, a chegada das máquinas de fotocomposição, que é o último estágio no desenvolvimento da indústria de composição antes das redações totalmente computadorizadas.



Figura1. Momento histórico que nos remete ao ano é 1958, a primeira foto mostra três frades trabalhando em linotipos para produzir o Correio Riograndese, 51 anos depois, as mesmas pessoas frente as novas tecnologias – os computadores.⁴

Depois da invenção da linotipo e da monotipo, era pouco provável que se pudesse inventar um sistema mais rápido e mais perfeito de composição. Mas com o desenvolvimento da impressão offset, que utiliza filmes fotográficos e chapas metálicas nas quais se copiam os textos e as imagens do filme, começou-se a trabalhar na fabricação de uma máquina de compor que, em lugar de produzir linhas de metal, compunha linhas de texto em filme: Fotocomposição. (RIBEIRO, 1987)



Figura2. A imagem mostra uma fotocomposição já recortada e o setor de montagem de páginas. O montador faz as páginas seguindo o layout do diagramador, o processo é bem *artesanal*

Os sistemas de fotocomposição, também chamados de paginação por vídeo ou

⁴ O Encontro dos Linotipistas, história publicada no jornal O Pioneiro < Disponível em <<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/rs/imprensa/11.2555876.499.12581>> acessada 20/04/2013.

terminais de composição e paginação, permitia preparar páginas com base nas especificações do planejador gráfico (diagramador) e do layout, essa preparação originava uma composição em papel fotográfico.

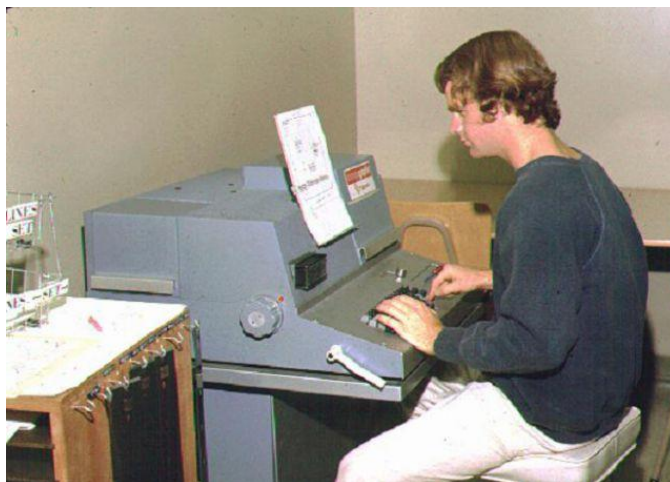


Figura 3. O editor-chefe digitava as manchetes em uma máquina Compugraphic 7200.

A composição era denominada de fotocomposição⁵, e apresentava-se em tiras de matérias, que eram encaminhadas ao setor de *paste-up* ou Montagem de páginas para a colocação de cera no verso do papel.

Após da inserção da cera na fotocomposição, as matérias e fotos eram recortadas, as imagens filetadas com caneta nanquim e coladas em papel especial, e sempre seguindo o layout do diagramador.



Figura 4. A fotocomposição era passada na máquina de cera pelo montador de página.⁶

⁵ Essa máquina também usava um sistema de filme por trás de um flash que marcava o papel fotográfico. As tiras de papel fotográfico, que eram cerca de uma polegada de largura e podiam ser de seis metros de comprimento ou mais, eram então desenvolvidas nas máquinas de processo químico (a menos que alguma tenha se enroscado ao longo do caminho). Como os jornais eram feitos na década de 70. Disponível em < <http://colunistas.ig.com.br/obutecodanet/2011/02/11/como-os-jornais-eram-feitos-na-decada-de-70/>> Acessado 20/04/2013.

⁶ Disponível em < <http://colunistas.ig.com.br/obutecodanet/2011/02/11/como-os-jornais-eram-feitos-na-decada-de-70/>, Acessado 20/04/2013.

Na década de 90, muitas redações foram totalmente informatizadas, fato que mudou o processo de produção de um jornal diário. Esta nova dinâmica trouxe agilidade às redações, mas de impacto social muito grande, sendo que setores inteiros de produção foram desativados como a Montagem de Páginas. Sentimento que pode ser percebido nos comentários abaixo:

“Vivi todo esse processo durante sete anos. O que foi mais significativo, para mim, foi o desemprego de muitos colegas. Lutamos durante muito tempo para a requalificação e realocamento dentro da empresa mas devo dizer foram poucas vitórias. O avanço tecnológico foi profundo na área de produção de materiais impressos e ainda continua com cada vez mais substituição de mão de obra. Mas não se pode deixar de admirar a capacidade criativa do ser humano e, nesse sentido, foram muito positivas as novas tecnologias que permitem termos computadores pessoais com softwares fantásticos dando “voz” a milhões de seres humanos.”
Comentário inserido na matéria *Como os jornais eram feitos na década de 70*. Disponível em <
<http://colunistas.ig.com.br/obutecodanet/2011/02/11/como-os-jornais-eram-feitos-na-decada-de-70/>> Acessado 20/04/2013.

Estágio 2 - Computadores e Internet:

A edição Desktop (EDT, auto edição) surgiu em 1985, quando pela primeira vez o sistema esteve ao alcance do público em geral, um sistema relativamente barato que integrava processamento de texto, composição tipográfica e material gráfico. O primeiro sistema compreendia um computador pessoal (MAC) uma impressora a laser (apple Laserwriter) e um software inovador denominado PageMaker da Aldus Corporation. (COTTON B. 1994)

Para as redações de jornais, a troca da máquina de escrever por um computador, mudou drasticamente os processos de produção, como foi descrito no relato abaixo sobre a informatização do Jornal Diário Catarinense – SC em 1986.

A implantação do jornal *Diário Catarinense*, sediado em Florianópolis, mudou a maneira do fazer jornalismo impresso em Santa Catarina. Inaugurado, em maio de 1986 pelo grupo RBS, a nova publicação trouxe inovações tecnológicas, em nível de país, e editoriais, em relação ao jornalismo praticado naquela época no Estado. O jornalista Armando Burd, primeiro editor-chefe do jornal, afirma que a redação informatizada do *DC*, a primeira do gênero no

país, foi visitada por profissionais dos principais jornais brasileiros e até da América Latina. Em função do uso dessa tecnologia, o jornal recebeu, no ano de 1987, o prêmio ESSO de jornalismo na categoria de melhor contribuição à imprensa⁷.

Com os novos modos de produção tecnológicos instalados e a entrada da internet nas redações, propiciaram a vivência de uma nova prática, a do Jornalismo Digital. Segundo Castells (1999) citado por Schwingel (2012) p27. “ A entrada da internet nas redações jornalísticas tornou o ambiente um pouco mais complexo, já que evidenciou a necessidade dos jornalistas em passar a considerar uma estrutura expandida, hipertextual, em rede, bem como de se pensar nos fluxos comunicacionais”. Vários conceitos surgiram nessa fase, Jornalismo Digital, ciberjornalismo, jornalismo online, e webjornalismo, que segundo a autora de difícil distinção. Mas tem um termo que transita em todos os conceitos ligados ao jornalismo digital, o termo Tecnologia. O Jornalismo digital, ainda está longe de se consolidar ou ter uma linguagem própria, estamos sempre nos adaptando as novas tecnologias de comunicação. E essas transformações podem ser revistas nas fases a que passou o Jornalismo Online.

O advento da internet, proporcionou uma mudança social que favorece o acompanhamento e popularização dos meios tecnológicos na vida das pessoas. Segundo Schwingel, C. A (2010), as questões relacionadas com a publicação de conteúdo na internet, refere-se primeiramente à evolução tecnológica da internet como um todo, com sua estrutura em rede, suas linguagens, seus protocolos tecnológicos e a segunda refere-se à evolução tecnológica estritamente à produção de conteúdos, que acaba por estar também vinculada ao jornalismo.

E em decorrência dessa evolução tecnológica, os modos de produção do jornalismo

⁷ O *Diário Catarinense* foi o primeiro jornal do país a usar computadores na redação ao invés de máquinas de escrever. Essa tecnologia inédita, até então, permitia que a redação de Florianópolis (sede) estivesse interligada às cinco sucursais (Joinville, Blumenau, Lages, Chapecó e Criciúma) simultaneamente. Dá para dizer que o *Diário Catarinense* foi pioneiro no uso da redação on-line no país. Essa facilidade de produzir, editar e receber informações dava uma agilidade muito maior em relação aos concorrentes. Lembro, quando fui repórter do jornal *O Estado* em Itajaí, em 1988, os textos eram escritos numa máquina de escrever e depois batidos novamente no telex para serem enviados a Florianópolis. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=reda%C3%A7%C3%B5es+de+jornais+informatizadas&aq=f&oq=reda%C3%A7%C3%B5es+de+jornais+informatizadas&aqs=chrome.0.57.8374j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acessado em 16/04/2013.

na mídia online, também sofreram alterações que podem ser percebidas através das quatro fases de sua evolução ou quadro dinâmicas, citadas por Schwingel, C. (2012).

1. **Dinâmicas de primeira geração:** Podem estar diretamente relacionadas à época em que o jornalismo digital era somente a transposição do impresso.
2. **Dinâmicas de segunda geração:** Correspondem ao começo da elaboração de material específico para o ciberespaço..., os produtos começam a se diferenciar do impresso.
3. **Dinâmicas de terceira geração:** Passam a ser desenvolvidas quando o processo de produção para o ciberjornalismo diferencia-se e as redações utilizam sistemas de publicação em seus produtos, CMS⁸ adaptados ao processo de produção do cibermeio.
4. **Dinâmicas do ciberjornalismo:** Refere-se a uma completa definição e aplicabilidade do sistema de produção ciberjornalístico, com a integração dos bancos de dados das organizações e a possibilidade de bases de dados inteligentes para a indexação, vinculação e recuperação das informações, bem como com a integração das ferramentas e sistemas de redes sociais. É quando o jornalista trabalha com a noção de sistemas vinculados a outros sistemas, através de metadados. (SCHWINGEL, C.,2012).

Neste artigo, consideramos o atual momento em que vivemos, a quarta geração do jornalismo online, cuja participação coletiva e as diversas ferramentas de mídias sociais, fazem com que um Sistema de Gestão de Conteúdo, sejam os centralizadores de conteúdos que foram postados em diversas redes. Nesse caso a base de dados que comporta os conteúdos de um site ou portal, deixa de ser um repositório exclusivo, e dá lugar ao acesso compartilhado de outras bases de dados. Sendo assim as características preponderantes da participação coletiva, são a autonomia de publicação, uso dos recursos locais e participação dos usuários na criação de conteúdos. E essa ênfase na participação pública do leitor, fez com que jornais tradicionais investissem em recursos tecnológicos para a publicação de conteúdo e mídias de outras bases. (PAULINO, 2012)

⁸ Sigla muito utilizada por desenvolvedores de websites e portais na internet, o CMS (Content Management System) é um conjunto de funções utilizadas para facilitar a vida dos criadores de sites. Embora o nome pareça referenciar a uma única e exclusiva ferramenta, como é o caso das IDEs (Integrated Development Environment), esses Sistemas de Gestão de Conteúdo (SGC) são o conjunto de ferramentas para criação/edição de conteúdo na internet sem a necessidade de conhecimentos de programação. Disponível em: < <http://canaltech.com.br/o-que-e/programacao/O-que-e-CMS-Content-Management-System/>> acessado em 16/04/2003.

Os estudos das tecnologias da comunicação tendem a centrar suas abordagens na revolução dos meios, em detrimento do elemento que torna os dispositivos, verdadeiramente, importantes mediadores: as linguagens. Desde a oralidade pura – passando pela escrita (manuscrita e impressa) e pelo texto eletrônico – até chegar à interação gestual em meio digital, as linguagens se transformam, se segmentam, se contaminam e se misturam.

Estágio 3 - Dispositivos Móveis - tablets:

A partir de 2010, com o surgimento e a difusão dos tablets, notabilizou-se a interface espacial (altamente interativa) e sensível ao toque (touchscreen). Desta forma, o design de interação, a linguagem gestual e a hibridização trazem questionamentos e respostas importantes acerca dos padrões de usabilidade na linguagem dos tablets.

O iPad revolucionou a maneira de ver conteúdos na internet, uma vez que usa o sentido do toque (tato) como forma de interação com conteúdo. A interatividade é uma característica fundamental e pode ser definida como a possibilidade do público construir uma relação com os conteúdos de forma única. (CANAVILHAS, 2011)

Há quem diga, porém, que a origem dos tablets remete a uma época mais longínqua, pelo menos no que diz respeito ao seu formato. A escrita cuneiforma desenvolvida pelos Sumérios por volta de 3.500 a.C era gravada em tabuletas de argila parecidas com as pranchetas eletrônicas do século XXI. Ainda que as similaridades dos suportes não avancem além disto, elas ajudam a pensar o processo de leitura e escrita numa perspectiva evolutiva, como um reflexo das transformações de linguagem e cognição do homem.



Figura 5 – Tabuleta de argila com inscrição da escrita suméria

Fonte: <http://truxtertech.com/2012/10/are-you-ready-to-jump-to-windows-8-yet/>

Um aparelho digital portátil, pessoal e em formato de prancheta; além disso, dotado das capacidades básicas de um computador e habilitado a desencadear ações que respondam ao toque em sua tela. Esta é uma descrição possível para o dispositivo eletrônico tablet.

Portabilidade, acesso à internet, suporte multimídia e tela touchscreen (sensível ao toque) são alguns dos atributos que tornam esta máquina um genuíno representante da tecnologia móvel do século XXI – bem como um dos modelos de negócio mais apostados pelas multinacionais do ramo da informática.

Os números revelam a consolidação do dispositivo tablet em 2012. O mercado de tablets triplicou no Brasil neste ano: o país passou de 17º lugar para 10º lugar no ranking mundial do consumo, segundo pesquisa do International Data Corporation (IDC) 2. Apenas no 3º trimestre de 2012 foram vendidos 769 mil tablets no país. Ainda assim, o mercado brasileiro de tablets é 12 vezes menor que o mercado norte-americano, o maior consumidor do mundo. Atualmente, os principais tablets do mercado brasileiro e mundial são: Novo iPad (Apple³); Galax Tab 10.1 (Samsung⁴); e Motorola XOOM 2 (Motorola⁵).

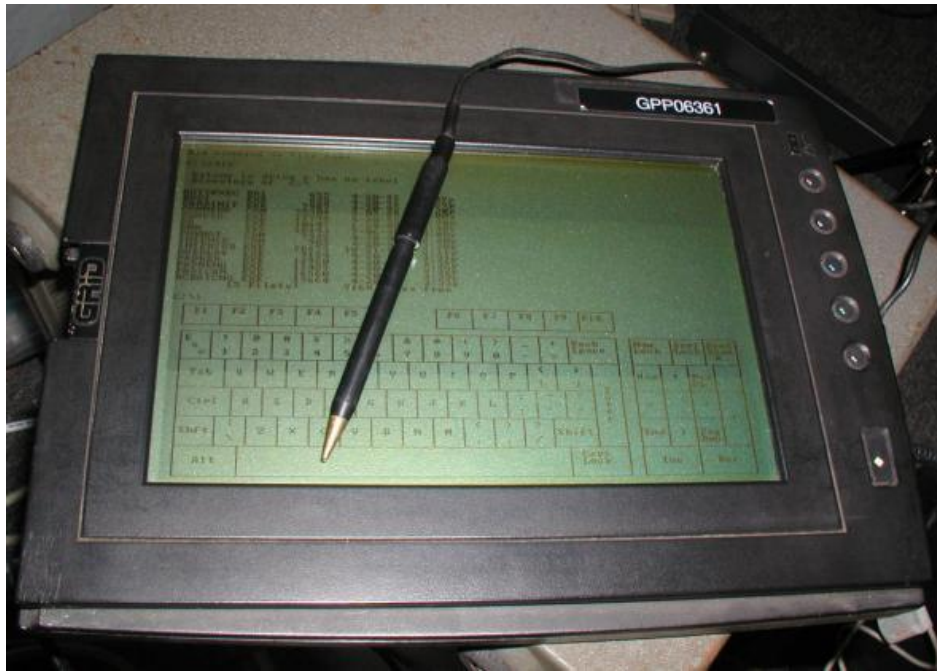


Figura 6 - Dispositivo GRIDPad, de 1989 Fonte:
<http://nowetablety.info.pl/gridpad-tablet-na-miare-czasow/>

A tela do GRIDPad era sensível ao toque de uma caneta do tipo *stylus II*. A partir de então, dispositivos correlatos começaram a ser desenvolvidos e receberam o nome de *slate computers* e *pen computers*. Em 1996 o PalmPilot foi o primeiro *pen computer* a obter sucesso reconhecido pelo mercado, em função de um sistema de entrada de caracteres que agradou o público.

Os aparelhos que seguiram a linha do PalmPilot passaram a ser chamados de *Personal Digital Assistants (PDA)* – Assistentes pessoais digitais, em português. Com o passar dos anos, os PDA's deram lugar aos smartphones, que detêm a capacidade de unir serviço telefônico e computação móvel. Os smartphones, por sua vez, foram sendo desenvolvidos para agregar a funcionalidade touchscreen e, a partir desta evolução, deram origem aos tablets mais parecidos com que o mercado oferece hoje. Como marco, em janeiro de 2010, a norte-americana Apple lançou o tablet iPad, o que deu início a popularização do aparelho.

Os *tablets* são computadores em forma de prancheta, no estilo de computador de mão, com tela sensível ao toque, seguindo os modelos de *smartphones*. O iPad, *tablet* que revolucionou a maneira de ver conteúdos na internet, usa o sentido do toque (tato) como forma de interação com o conteúdo. O que diferencia os *tablets* são os sistemas operacionais e os aplicativos desenvolvidos para cada tipo. Os *tablets* iPad 2 e 3 trazem o iOS, sistema criado pela Apple inicialmente para o iPhone que evoluiu para o iPad.

Como pontos fortes, o iPad destaca-se por ser fácil de usar, superleve e estável. Já no caso dos *tablets*, o grande diferencial é a marca (Sony, Motorola, Samsung, etc.). Todos os *tablets* citados utilizam o sistema operacional Android e têm como pontos fortes uma oferta maior de aplicativos, não estando limitados apenas àqueles permitidos pelo próprio desenvolvedor do sistema, como no caso da Apple. Vale ressaltar que muitos aplicativos do Android são gratuitos comparativamente aos oferecidos pela Apple, fator que, de um lado, exige do usuário maior criticidade na escolha de quais instalar e, de outro, motiva a experiência de várias funcionalidades. Já os aplicativos para iPad, em sua grande maioria, são pagos, mas atualmente muitos *apps* (aplicativos) estão sendo liberados de forma gratuita, principalmente os de suporte às redes sociais.

O iPad pode ser considerado um pioneiro, o primeiro de seu tipo. Não é nem um *smartphone* nem um *laptop*, *netbook* ou computador pessoal, mas sim inclui alguns elementos de todos eles. As características que destacam o iPad entre outros dispositivos móveis incluem seu tamanho, que é similar ao de um livro, a falta de conexão periférica (sem necessidade de uso de tomada), a conectividade, a tela multitoque (*touchscreen*) e a variedade de aplicações diferentes disponíveis para o consumidor (HENDERSON; YEOW, 2012).

Modos de Produção em tablets

Segundo Horie e Pluinage (2011), o iPad fornece uma narrativa diferente de uma revista tradicional. Diferente por ter uma linguagem nova que reúne o que há de melhor da mídia impressa com a mídia digital: conteúdo segmentado, personalizado, portátil, com recursos multimídia, interativos e hipertextuais.

Através da Digital Publishing Suite da Adobe (DUALPIXEL, 2012b), é possível criar documentos para dispositivos móveis como o iPad. Há a possibilidade de se criar um *layout* com duas orientações (vertical e horizontal) ou *layouts* com apenas uma orientação (vertical ou horizontal). A visualização dos fólios⁹ é possibilitada pelo programa Adobe Content Viewer (ADOBE, 2012)¹⁰.

⁹ Folios, termo criado pela Adobe para caracterizar documentos de revistas digitais.

¹⁰ Disponível em:
<http://help.adobe.com/pt_BR/digitalpubsuite/using/WS9293e1fb3b977c5c7b1f65ad12f28224932-7ff6.html>. Acesso em: jun. 2012.

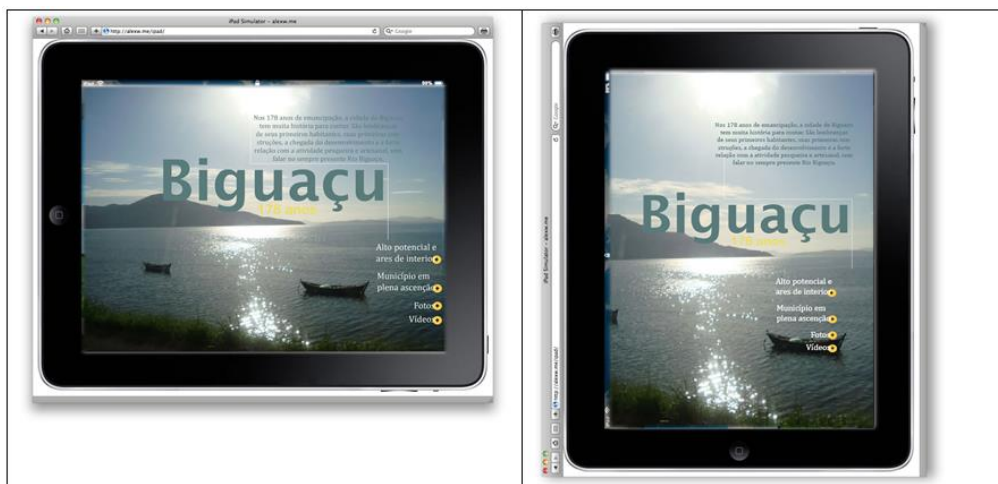


Figura 7 - Visualização do Caderno de Biguaçu para iPad Fonte: PAULINO (2012)¹¹.

A linguagem html5, fruto das novas tecnologias, proporciona a interatividade com animações que despertam o imaginário, é adequada aos dois sistemas operacionais Android e Apple, sendo necessário estudo e pesquisa aplicada para identificar formas inovadoras de mostrar conteúdo na internet com esse aplicativo. Segundo Alex Primo (2005), a interação não deve ser vista como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes. No caso do iPad o conteúdo hipermediático de uma narrativa (conteúdo jornalístico), favorece diversas leituras e caminhos para o leitor navegar pela informação. É com essa curiosidade e preocupação que o presente artigo pretende explorar algumas funcionalidades do iPad para a publicação editorial. (PAULINO, 2012)

O iPad possui uma interface de interação, que é o *touchscreen*, o qual permite que o leitor toque a tela para interagir com o conteúdo e navegue pelo documento ou revista digital, como pode ser visualizado na Figura 2.

¹¹ Trabalho está disponível no ambiente de nuvem Adobe Digital Publishing Suite: <https://digitalpublishing.acrobat.com/>, Acesso em: 13 mar. 2013. E pode ser compartilhado para usuários que tenham conta Adobe e aplicativo Adobe Content Viewer para iPad/Android, para ter acesso, basta solicitar o compartilhamento pelo e-mail rcpauli@gmail.com.

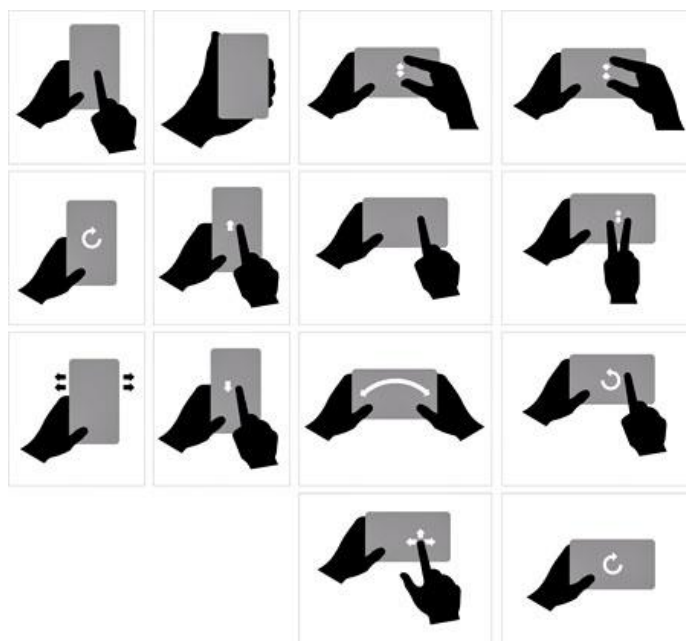


Figura 8 - Possibilidades de toque na tela do iPad para navegação de conteúdo
 Fonte: DUALPIXEL (2012a).

A mescla de tipos de linguagens de informação é também denominada de lexias hipermídias (texto, áudio, vídeo, gráfico, animação, etc.) e proporciona a interatividade com o usuário através do toque. Essa interatividade pode levar o usuário a ter acesso a várias informações ao mesmo tempo, dispensando uma leitura não linear.

Essa é a característica mais próxima da mídia impressa em relação a seu manuseio: o sentido do tato para folhear uma revista, que lembra uma revista impressa. No caso dos *tablets*, a tela é sensível ao toque, o que possibilita a sensação de se folhear uma página. Mas o recurso de toque vai além da possibilidade de folhear páginas. Com o toque na tela, o leitor pode interagir com os recursos disponíveis para apresentar um elemento editorial, fotos, gráficos e animações.

Ao se pensar em conteúdo para o *tablet*, é necessário usar recursos de áudio e vídeo. São aceitos somente arquivos MP3 para áudio; já para vídeo, usam-se os formatos compatíveis com Apple iTunes: MP4 e MV4 com h.264 codec.

No caso da tipografia adequada, o corpo de texto ideal para impressos é 9 pt ou 10 pt e para *tablet*, 16 pt a 19 pt. Nas novas versões (3 e Novo iPad), a fonte Helvetica foi substituída pela Lucida Sans. O uso de Helvetica prejudicava a leitura de textos pequenos, visto que essa fonte possui uma densidade de pixels menor que a do iPhone/iPod touch.

Sobre cor, o iPad possui uma gama de cor própria. A Apple descreveu uma variedade de cores para o Novo iPad como “44% maior na saturação de cor”. Isso

significa mais cor e nitidez em fotos.

As pesquisas apontam um futuro promissor para o sistema de revistas digitais em relação ao que está previsto para os mecanismos: consumo da informação via dispositivos móveis; *tablets* como mídia imersiva e interativa; e consolidação da nova mídia. A maioria dos leitores na pesquisa do GfK MRI (2012) sobre o uso da revista *tablet* (67%) diz que, se disponível, eles preferem ler uma versão eletrônica de uma revista do que uma versão em papel, embora os leitores apontem também que gostam de manusear uma revista em papel.

Segundo a referida pesquisa, os leitores de revista digital para *tablets* preferem ler a revista via APPs de cada editora, o que assegura os recursos interativos com o toque. Quase dois terços dos usuários com *tablets* leram uma revista digital em seus aparelhos móveis nos últimos 30 dias.

Considerações Finais

John Pavlik nos anos 2000, afirmava que as novas tecnologias, impactava quatro áreas do jornalismo: o modo como os jornalistas fazem o seu trabalho, o conteúdo das notícias, a estrutura da redação e a produção industrial da notícia (que tornam-se globais), e as relações entre as empresas de comunicação e os seus públicos: as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo (que regulamenta os meios). Todas essas relações estão em transformação, com a inserção das tecnologias.¹²

Percebemos na pesquisa realizada, que as tecnologias revolucionaram e aceleraram os modos de produção do jornalismo ao longo do tempo, o que John Pavlik conjecturou nos anos 2000 realmente aconteceu e deve continuar acontecendo, a revolução não terminou ainda. A internet e os dispositivos móveis- *tablets* e *smartphones*, surgiram e as transformações até então tecnicistas passaram a refletir transformações sociais no momento que as pessoas começaram a colaborar e produzir conteúdo em suas micro-comunidades. O Jornalismo ainda sofre as transformações e tenta assimilar o seu papel na sociedade como pode ser percebido na opinião do John Pavlik . “As funções do jornalismo são mais importantes do que nunca, porque vivemos em um oceano de

¹² Entrevista com o professor John Pavlik, Diretor do Center for New Media na Universidade de Columbia em Nova York, trata do impacto dos novos recursos na produção jornalística com base em mais de uma década como pesquisador das tecnologias disponíveis na área das comunicações.

Disponível em < <http://www.intercom.org.br/revista/v23n1/entrevista.shtml> > acessado 21/04/2012.
Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000, pg139 a 149.

informações, estamos soterrados por informações. Precisamos de alguém que colabore para a construção do sentido das coisas (*sense maker*). As funções do jornalismo devem se afastar do sistema *breaking news*, de valorização da rapidez na transmissão da notícia, e caminhar em direção à análise da informação.”

Referências

CANAVILHAS, J.; SANTANA C. D. Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011: da autonomia à emancipação. **Líbero: Revista Acadêmica**, v. 14, n. 28, p. 53-66, dez. 2011.

COTTON B., La Nueva Guía Del Diseño Gráfico, Barcelona: Blume, 1994.

CRAIG, J., Produção Gráfica. Nobel, São Paulo, 1987.

DUALPIXEL. **Apostila DualPixel**. Disponível em: <<http://www.dualpixel.com.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2012a.

DUALPIXEL. **Publicações para tablets: e-Books ou Apps?** Disponível em: <<http://www.dualpixel.com.br/artigos/tablets/231-publicacoes-para-tablets-e-books-ou-apps.html>>. Acesso em: 15 abr. 2012b.

HENDERSON, S.; YEOW, J. iPad in Education: a case study of iPad adoption and use in a primary school. In: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 45., 2012, Grand Wailea, Maui, HI, USA. **Proceedings...** Grand Wailea, Maui, HI, USA, 2012. p. 78-87.

HORIE, R. M.; PLUVINAGE J. **Revistas digitais para iPad e outros tablets: arte finalização, geração e distribuição**. São Paulo: Bytes & Types, 2011.

PRIMO, A. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador, n. 45, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_45.htm>. Acesso em: 25 jun. 2012.

PAULINO, R. C. R. . Conteúdo digital interativo para tablets-iPad: uma forma híbrida de conteúdo digital. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2012**, 2012, Fortaleza. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação São Paulo: Intercom, 2012.

RIBEIRO. M., Planejamento Visual Gráfico, 2ª edição atualizada. Linhas Gráficas e editora, 1987. Brasília, DF.